

## Capítulo 6

# Entre “Agrado” e “Prudência”, a identidade em questão: contribuições desde e para uma Psicologia Social Crítica no campo LGBT<sup>40</sup>

Paribanú Freitas

### **Abrindo horizontes e ampliando olhares**

A categoria de identidade tem sido necessária e utilizada para conduzir muitos dos debates teóricos e políticos do século XX. Essa categoria tem se revelado com eficácia catalisadora e se tornado meio para múltiplos processos sociais emancipatórios, principalmente àqueles vinculados a temáticas de orientação sexual e de gênero, frente às ofensivas homogeneizantes e colonizadoras da subjetividade que se efetuam a partir do fenômeno da transnacionalização do capital e da informação que conhecemos pelo nome de “globalização”. Fenômeno que, como sabemos, é resultado de um processo que ocorreu por todo o século XX, tal como tentaremos reconstruir nestas páginas.

Entretanto, embora facilmente vista como categoria de destaque nos movimentos sociais e políticos, sabe-se que também surgiram ao longo desses últimos anos algumas críticas sobre o valor emancipatório da identidade. Durante este período polissêmico, também chamado de *pós-modernidade* (Lyotard, 1987), *modernidade radical* (Giddens, 1991) ou *modernidade líquida* (Bauman, 2003), entre outras denominações,

---

<sup>40</sup> Nota dos tradutores: a sigla LGBT é mantida do original espanhol e é compatível com *Movimento LGBT* utilizado no Brasil, como escreve Alessandro Soares da Silva (2008), terminologia também conhecida como *Movimento Gay*, *Movimento Homossexual*, os quais “designa-se, muitas vezes, o conjunto de reivindicações políticas dos homossexuais, das lésbicas, bissexuais e transgêneros, assim como as associações e coletivos que servem de base para a organização destes grupos e de suas demandas políticas e particulares (2008, p. 122).

a categoria de identidade parece estar em uma forte encruzilhada. Subsumida na disputa e até mesmo posta sob suspeita, questiona-se sua capacidade hermenêutica para a análise de fenômenos psicossociais, bem como sua capacidade tática e estratégica na veiculação de objetivos políticos por parte de diferentes escolas de pensamento contemporâneo, principalmente filosóficas.

Acredito que este estar “sob suspeita” que hoje padece a categoria de identidade exige a retomada de sua síntese histórica, de modo a resgatar sua proficuidade ao longo do tempo. Afinal, muitos são os fatores que poderiam levar a uma leitura rápida e simplista sobre a categoria de identidade (e, posteriormente, para as lutas de identidade), que conduziria para o fundo da gaveta de objetos obsoletos; a saber: o calor dos recentes debates “críticos”, a predominância de certos enfoques idealistas e a-históricos tendem a reduzir a realidade ao mundo das “coisas ditas” e a sutil hegemonia – geopoliticamente referenciável de algumas das propostas teóricas em disputa.

Neste sentido, me proponho ao longo deste trabalho considerar limites e potencialidades da categoria de identidade e, sobre tudo, das críticas destinadas a colocá-la sob suspeita. O farei considerando a produção acadêmica e as lutas políticas vinculadas ao campo das orientações sexuais e as identidades de gênero; tendo como foco as possíveis contribuições da Psicologia Social Crítica Latino-americana.

Para tanto, esboçarei uma aproximação histórica à construção dos estudos LGBT e, mais recentemente, dos estudos *queers*; tarefa que entendo obrigatória, mas nada tranquila, na medida em que são vários os obstáculos que dificultam tal empreitada: (1) as barreiras idiomáticas – os vários estudos nesse campo resultam da produção e tradição anglo-saxônica – acesso em massa à bibliografia existente não é restrito ao leitores hispano-falantes, o que, conseqüentemente, dificulta a popularização de debates fundamentados na órbita da produção acadêmica nacional; (2) a falta de bibliotecas e centros de documentação pública no Uruguay, suficientemente abastecidos e com amplo acervo histórico, com os quais se possa construir um ponto de vista histórico panorâmico e variado com diversidade de referências a respeito de diferentes posições em debate; e (3) o inegável efeito de marginalidade que este tipo de estudo tem tido como objeto político e acadêmico para o pensamento nacional e da região, possivelmente efeito da mesma heteronormatividade dominante que os mesmos tomam como objeto de estudo, mas que nem por isso deixam

de ter sua eficácia. Nesse sentido, esse trabalho procura colaborar com a acumulação coletiva regional sobre a temática que ajude a ir superando as parciais e limitações.

Entendo que os estudos LGBT oferecem uma série de determinações socioculturais e objetos de estudos altamente produtivos para aqueles que trabalham em ciências sociais e humanas; particularmente para aqueles que entendem nossa área de atuação dentro do campo subdisciplinar da Psicologia Social. Tenho pensado que é possível estabelecer uma correlação entre os elementos de discussão que constituem os estudos LGBT e *queer* e suas disputas, com os núcleos de problemáticas e as oscilações teóricas, históricas e epistemológicas que constituem o que denominarei como Psicologia Social Crítica Ibero-americana<sup>41</sup>. Escrevo estas páginas sob tal convicção, orientado principalmente pela prudência e com a intenção de inteligibilidade e intersubjetividade, em um momento fortemente marcado pelos debates performáticos e calorosos da matriz pós-modernista.

## **A Psicologia Social e os estudos LGBT**

Santana & Cordeiro (2007) têm abordado parcialmente a articulação entre os desenvolvimentos teóricos dos estudos vinculados ao campo das orientações sexuais, as identidades de gênero e os desenvolvimentos acadêmicos da Psicologia Social. Principalmente o fazem em relação às trocas e as possíveis contribuições entre a especificidade dos estudos feministas, pós-feministas e *queer* com a Psicologia Social Construcionista Ibérica, tomando como base principalmente as contribuições de Thomas Ibañez (1994; 2001) e Lupicínio Iñiguez (2005).

Pretendo retomar criticamente esta linha de trabalho iniciada por Santana e Cordeiro, tomando como ponto de partida a Psicologia Social

---

<sup>41</sup> Por Psicologia Social Crítica Ibero-americana entendo um campo diverso de produções no campo da Psicologia interessadas nos problemas enquanto processos de produção da subjetividade, as interações entre os processos individuais, processos singulares, processos coletivos e sociais, principalmente orientados para a crítica das situações de opressão, alienação e/ou dominação, principalmente emergentes do modo de produção capitalista. É possível assinalar diferentes figuras fundantes desta tendência teórico-metodológica segundo regiões geográficas, os quais compartilham o desenvolvimento dos núcleos de problematização assinalados, a saber: Enrique Pichón na Psicologia Social do Rio de la Plata, Silvia Lane na Escola Crítica de São Paulo (PUCSP), Ignacio Matrin Baró da Psicologia Social da Libertação desenvolvida em El Salvador, ou Tomas Ibañez para o caso da Psicologia Social Socioconstrucionista Ibérica; autores distintos mas articuláveis e passíveis também de ser confrontados e particularizados, empresa esta, menos frequente.

Construcionista Ibérica até um campo mais amplo que denominarei Psicologia Social Crítica Ibero-americana, uma vez que pretendo realizar processo similar para a consideração dos estudos feministas, pós-feministas e *queer* para o campo, que eu entendo mais genérico, dos estudos LGBT. Sustento esta reformulação desse ponto de vista, embora compreenda que tanto a Psicologia Social Construcionista Ibérica como os estudos *queer*, compartilham das dimensões dos projetos ético-políticos e as bases epistemológicas com os campos da Psicologia Social Crítica Ibero-americana e com os estudos LGBT (chamado pelo *queers* como “identitários” e/ou “essencialistas”), respectivamente.

No entanto, eu entendo assim mesmo que nem a agenda da Psicologia Social Construcionista Ibérica esgota ou sintetiza a agenda genérica do campo de problemas da Psicologia Social Crítica Ibero-americana – principalmente a agenda específica de problemáticas latino-americanas em particular –, nem os estudos *queer* esgotam ou sintetizam a agenda genérica de problemas relacionados às situações de opressão e dominação heteronormativa, patriarcal e machista da ordem capitalista contemporânea que os estudos LGBT – de base identitária – consideram como problema central.

## **Da construção sexual do Estado ao mutualismo<sup>42</sup> gay**

Concordo com William Simon quando afirma no artigo *Sexual Orientation*, da *Encyclopedia of Sociology* de Borgata y Montgomery, que “la cuestión de la orientación sexual recuerda a un campo de batalla donde muchos de los problemas más críticos de la naturaleza de la sexualidad humana, si no de la condición humana en sí, son debatidos” (Simon, 2000, p. 2.565). De fato, é possivelmente nesse campo de batalhas que se encontram algumas das chaves de sua difusão e produtividade, fundamentalmente desde a segunda metade do século passado.

De acordo com Ernest Meccia (2006), é possível identificar alguns determinantes deste caráter de extraordinária condensação de debates

---

<sup>42</sup> Nota dos tradutores: preferimos manter o termo “mutualismo” no original, uma vez que sua tradução poderia simplificar sua complexa signficação. Em linhas gerais mutualismo pode ser entendido como uma relação, ou conjunto de relações, que permite melhorar o crescimento e sobrevivência das populações afetadas. Em português “mutualismo” poderia ser traduzido como “cooperativismo”, todavia, no sentido utilizado pelo autor do presente trabalho, se refere aqui a “grupos de ajuda mútua”, “grupos de homossexuais”.

sociais que a orientação sexual transmite, ao analisar seu surgimento e desenvolvimento como campo de práticas e declarações. Nessa perspectiva, desde seu surgimento, a homossexualidade tem sido um fenômeno eminentemente político. Meccia observa um duplo movimento histórico nas relações entre o campo problemático da orientação sexual e o Estado, ao afirmar que a homossexualidade surge originariamente como um problema *do* Estado, para depois se transformar em um problema *para* o Estado. Nas palavras desse autor:

La homosexualidad – tal como la conocimos hasta hace pocos años – nació como un problema del Estado [que] (...) al crearla, la transformó en un asunto público, un asunto sobre el cual, por definición, toda la sociedad tendría derecho a opinar ya que el dominio de lo público comprende la evaluación de todo aquello que se crea que puede traer consecuencias para todos y no sólo para los actores privados. (Meccia, 2006, p. 69)

Sobre forte influência foucaultiana, Meccia relaciona sua própria análise à análise do filósofo francês, para quem a invenção de um corpo, a materialização de um dispositivo de sexualidade, a regulação da aliança e a herança no novo sistema de propriedade se constituíram práticas políticas e subjetivas indispensáveis para o estabelecimento da burguesia como classe dominante após a Revolução Francesa. Michel Foucault n'*A vontade saber* (2009), assinala como a homossexualidade – juntamente com a masturbação e a sexualidade infantil – transformou-se em uma prática sexual marginalizada, prejudicial, passível de ser problematizada e subjetivada pela nova ordem burguesa, no momento em que se tornou *objeto de uma formação discursiva* que, por sua vez, gerou um conjunto de regras e dispersão de enunciados, o qual participam tanto elementos estritamente discursivos, quanto elementos extradiscursivos (poder). A análise da evolução discursiva acadêmica em torno do fenômeno da orientação sexual e as identidades de gênero, tanto quanto sua captura como exercício de resistência e emancipação, parece então ser a chave para construir uma visão historizada que permita considerar o processo e a conjuntura.

Simon (2000), mas também de alguma forma Richardson e Seidman (2002), utilizam o mesmo modelo para localizar analiticamente o conjunto de propostas teóricas, explicações e análises científicas sobre a orientação sexual: que se aplica à figura de um espectro contínuo que

vai desde um polo de posições estritamente essencialistas até um polo radicalmente construcionista. A perspectiva essencialista se constituiria pela compreensão de que “la orientación sexual (como preferencia de género) está potencialmente en toda la población humana (...) asumiéndola como un nivel básico del carácter o la personalidad” (Simon, 2000, p. 2.566), ao passo que para a perspectiva construcionista a “orientación sexual es vista como el producto de contingencias históricas específicas, como algo a ser adquirido” (Simon, 2000, p. 2.566).

Richardson e Seidman concordam que a origem essencialista das pesquisas sobre a orientação sexual, ainda que sem articulá-las ao modo foucaultiano, relacionam-se com a problemática da construção da ordem moral burguesa do Estado Moderno. Os autores assinalam que: “antes de desarrollarse una sociología de la homosexualidad surgen teorías científico-médicas (...) que se proponían por varias vías entender la homosexualidad, por ejemplo, como una identidad heredada o aprendida o como una forma de desvío sexual o de género” (Richardson & Seidman, 2002, p. 1). Essas questões iniciais sobre a orientação sexual centram seu interesse na essência da homossexualidade, onde por meio do desvio de sentido, se fundem essência e identidade como um amálgama – fusão que tentarei desnaturalizar neste percurso.

Independentemente do grau de biologicismo ou psicologismo que estas primeiras abordagens apresentam, parece existir uma tendência a associar a homossexualidade a um “tipo particular de personalidad” (Richardson & Seidman, 2002, p. 1). Richardson e Seidman, por exemplo, em seu trabalho tratam de destacar a figura do inglês Edwar Carpenter, autor da teoria da homossexualidade como sexo intermediário, que seria a expressão de um tipo humano distinto, superior moral e espiritualmente. E embora na atualidade os estudos relacionados à questão de gênero tenham superado essa ideia, é possível observar elementos de persistência da teoria da homossexualidade como terceiro sexo ou sexo intermediário, no saber popular, em expressões direcionadas para o homossexual homem ou mulher: “invertido”, “sapatão”, “afeminado”.

Entretanto, não devemos “jogar o bebê fora com a água do banho”, independentemente da dimensão epistêmica da análise de Carpenter, é importante destacar que estas concepções iniciais deram lugar às primeiras associações e grupos de “mutualismo” para homens homossexuais. Além disso, a acumulação de questões essencialistas de caráter médico inauguraram possibilidades políticas emancipatórias que permitiram

gerar a guinada dos estudos essencialistas biologicistas ou psicologicistas para teorias de corte sociológico, que por sua vez, focam suas questões na consideração da homossexualidade como “minorias sexuais vitimizadas” (Richardson & Seidman, 2002, p. 2).

Estes primeiros passos de politização da questão homossexual irá redirecionar a situação da homossexualidade como problema *do* Estado criado pelo Estado, para “um problema público *para* o Estado criado pelos homossexuais” (Meccia, 2006, p. 71). Isso ocorre à medida em que se constata que:

(...) los dominios privados no bastan para la expresión entera de la personalidad, a no ser que se piense que ser homosexual implica solamente desarrollar ‘relaciones sexuales’ en la intimidad. Porque si se piensa que los homosexuales son seres humanos en el sentido mas básico del término se terminará pensando que, por necesidad, necesitan desarrollar ‘relaciones sociales’ fuera del ámbito privado, como cualquier ser humano (Meccia, 2006, p. 70).

Nesse momento os homossexuais passam então a ocupar o espaço público, confrontando publicamente os filtros cognitivos do imperativo heterossexual “manchado por el imaginario estatal que llevaba a la sociedad a ver en ellos [los homosexuales] poco menos que una amenaza” (Meccia, 2006, p. 70-71). Essa configuração identitária da homossexualidade, iniciada como prática de controle social, parece ter possibilitado posteriormente a passagem à reflexão política sobre ela postulado por Movimentos de Libertação Homossexual e Feministas (Richardson & Seidman, 2002, p. 2).

## **Entre o essencialismo, o construcionismo e a emancipação**

Richardson e Seidman (2002) resgatam a concepção de Alfred Kinsey que, baseado em centenas de entrevistas que demonstravam a frequência das práticas homossexuais nos estadunidenses, argumentou que a homossexualidade parecia ser menos uma identidade fixa que um desejo humano em geral, para assinalar como essa definição inicia uma série de análises críticas sobre a validade epistêmica e os benefícios táticos e estratégicos de conceber a homossexualidade como identidade, que resultarão nas bases de alguns enfoques construcionistas. Como afirmam os autores,

(...) las perspectivas construccionistas cambian la noción según la cual los homosexuales siempre han existido (...) Los construccionistas proponen que mientras que los sentimientos y deseos homosexuales posiblemente hayan existido siempre, los homosexuales, vistos como una identidad distinta, ha aparecido solamente en algunas sociedades (Richardson & Seidman, 2002, p. 2).

A crítica dessa perspectiva está no caráter regulatório da ação nominativa, na medida em que se nomeia aquilo que se deseja controlar, tornando o caminho de emancipação somente possível pela desconstrução da referenciação, questionando racionalmente qualquer ontologia e gerando uma linha de leitura a qual todo sujeito é resultado de uma operação de poder, e poder é sempre controle estatal. Os Movimentos e teorias *queers* realizarão uma crítica radical e um exame cuidadoso dos limites das possibilidades políticas da categoria “identidade homossexual” ao afirmar que “la identidad sexual no puede ser separada de otras identidades como la racial, género o edad [de modo tal que] ninguna definición específica de identidad homosexual es restrictiva” (Richardson & Seidman, 2002, p. 3).

## Extraordinários

As teorias e Movimentos *queers* surgem durante os anos de 1990, em meio a um cenário de complexidades múltiplas compostas, entre outros elementos, pelas exigências que a emergência da epidemia do HIV/AIDS impõe aos Movimentos LGBT a ascensão dos partidários de estratégias de ação direta, as discussões em torno das estratégias políticas vinculadas à categoria de gênero tensionada a partir das discrepâncias entre feministas heterossexuais e lesbofeministas e a incorporação e consolidação das propostas críticas de grupos que – como grupos de lésbicas afrodescendentes – estavam submetidos a múltiplas posições de subalternidade e discriminação.

O termo “*queer*” originalmente está relacionado ao seu uso “depreciativo”, em inglês, para reconhecer as pessoas homossexuais. Contraofensivamente, o termo é reapropriado e surge nas marchas do orgulho gay – onde grupos ativistas como *Queer Nation* se apresentaram como uma alternativa política (e posteriormente epistémica) –, como forma de crítica à orientação integracionista que alguns movimentos gays pareciam estar tomando ao optar pelo diálogo com autoridades e



instituições em sua estratégia de ação política, concebendo tal instrumento como via possível de transformação social.

A esse respeito, Susana López Penedo (2008, p. 13) lembra as origens transformadoras dos primeiros movimentos *queers* antes de sua consolidação teórica:

La crítica al sistema afectó especialmente a la concepción que los nuevos activistas *queer* tenían de la cultura gay, a la que consideraban rígida en su concepción de la identidad, elitista, blanca y de clase media, de tal modo que la gran crítica que los nuevos activistas *queer*, jóvenes y más preocupados por hacer una crítica social no sólo a la heteronorma, sino también al sistema capitalista en su conjunto, es la tendencia asimilacionista de la cultura gay –lo que ellos denominan el ‘gueto’– y su mercantilización. Estos jóvenes activistas acusan a la cultura gay de haber abandonado todo intento de cuestionamiento de la sociedad heterosexual y de haber caído en una la réplica de sus privilegios.

La tan celebrada cultura gay, fue por tanto agriamente criticada por los nuevos teóricos *queer*, que la consideran una patética muestra de desideologización que parece haber afectado a gays y lesbianas, quienes eligen ahora la acomodación a un estilo de vida donde lo importante es formar parte del grupo protector, seguir una moda en el atuendo, un estilo de vida, acomodarse, en resumidas cuentas, a ese modelo étnico de construcción identitaria del que hablaba antes, olvidando por completo la crítica al modelo heterosexual mayoritario. Critican así todas las pequeñas e individuales celebraciones de la diferencia (que consideran acrílicas con las estructuras que provocan esa diferencia), como es el ‘salir del armario’.

Craig Kaczorowski (2004), no artigo *Gay, Lesbian and Queer Studies*, lembra que foi Teresa de Lauretis quem apresentou pela primeira vez o termo em seu ensaio *Queer theories: Lesbian and Gay sexualities*, publicado na importante revista *Differences*, em 1991, mas a consolidação dos estudos *queers* como campo de estudos críticos de gênero, resultará principalmente após as contribuições de Eve Kosofsky Sedgwick (1985) e Judith Butler (2007, 2002), às quais podemos agregar nos últimos anos os trabalhos de Beatriz Preciado (2002) que, por sua vez, tem articulado a obra de Butler com outras contribuições construcionistas e pós-estruturalistas, como as colocações de Donna Haraway (1991).

A emergência, popularidade e candência do fenômeno *queer* não é um fenômeno simples de compreender, sua análise profunda parece poder se realizar somente mediante uma calma consideração. No trabalho *El laberinto queer*, a autora López Penedo (2008, p. 37) aponta elementos

fundamentais das teorias *queers* através dos quais está articulada a subjetividade *queer*:

La idea de identidad en continua construcción es el punto de partida en el análisis *queer* que recupera las categorías de género, raza, etnia, clase social y sexualidad, para rearticularlas a través de la promoción del uso de procesos de identificación e identidades estratégicas cuyo máximo exponente es el ciborg.

El cuerpo es para los *queers* el principal catalizador de esos procesos de identificación que conforman la subjetividad *queer* y el espacio en el que se articula el deseo *queer*.

La articulación del deseo *queer* se hace a menudo en primera persona y se concreta en la práctica de: Sexualidades no normativas, siendo la bisexualidad y el sadomasoquismo las preferidas por los teóricos *queer*, por la afinidad que ven entre los elementos que componen la práctica de estas sexualidades y el ethos *queer*.

Como podemos observar, os estudos *queers* desde o princípio deslocam o eixo de suas preocupações do problema da libertação homossexual para o problema epistêmico-político, que se configura em como definir a experiência (identitária) homossexual, observando no problema da definição da identidade, inicialmente, e na experiência identitária em si, posteriormente, um limite às críticas das normas da ciência e do poder hegemônico em si mesmo.

Particularmente entendo que é possível articular esses elementos a partir do substrato de um projeto ético-político de subversão radical que parece tingir o projeto de estudos *queer*. De qualquer maneira, essa subversão radical envolve várias características que podem cruzar o campo fundacionalmente heterogêneo, assistemático dos estudos e movimentos *queers*. Assim, na lista de Lopez Penedo (2008), se pode adicionar alguns outros elementos comuns, tais como a orientação específica para a desestabilização das identidades sustentadas pela “metafísica ocidental” dos binarismos, a exploração e exigência de regras de comunicação às margens da racionalidade moderna (inteligibilidade), a exaltação das sensibilidades e o prazer como núcleos subjetivantes fortes.

Principalmente os dois primeiros elementos dessa segunda lista articulados com o restante dos itens listados configuram um particular domínio teórico e político associado aos estudos *queer*: a consideração analítica do “mundo das coisas ditas” e performatividade como ação discursiva de intervenção concreta sobre a trama política. Estes orientadores

podem ser moldados com facilidade nos domínios e estratégias *emergentes* para o pós-estruturalismo como suporte epistemológico e político. Assim, as contribuições teóricas *Queers* de base pós-estruturalista entendem a linguagem como “uno de los principales centros de la regulación social y una de las claves (no siempre bien ponderada) para comprender cómo es que las sociedades se reproducen y cambian” (Meccia, 2006, p. 40). E, embora seja possível concordar com Lupiciño Iñiguez (2006, p. 132), quando ele observa que:

los discursos son conjuntos de prácticas lingüísticas que mantienen y promueven ciertas relaciones sociales. [Y] El análisis [del discurso] consiste en estudiar cómo estas prácticas actúan en el presente manteniendo y promoviendo estas relaciones: es sacar a luz el poder del lenguaje como una práctica constituyente y regulativa.

A ponderação do carácter performativo e exclusivamente regulamentar da linguagem parece ser um espaço de análise que Meccia apenas esboça, e que de alguma maneira é uma preocupação central deste trabalho. Em relação à nossa área específica de consideração, é possível observar em Judith Butler a figura de uma autora especialmente comprometida, política e central na produção de suportes teóricos *queers*. Obviamente a consideração das obras completas de Butler e suas idas e vindas excedem os limites deste escrito claramente panorâmico, todavia, considero importante tecer algumas considerações do prefácio, de 1999, para o livro *El género en disputa*. Após dez anos de conclusão do manuscrito, período em que foi possível escutar e discutir apontamentos críticos sobre a obra, Judith Butler realiza algumas observações e reafirmações sobre o projeto ético-político do texto. Na ocasião, Butler afirma:

Sigo albergando la esperanza de que las minorías sexuales formen una coalición que trascienda las categorías simples de la identidad, que rechace el estigma de la bisexualidad, que combata y suprima la violencia impuesta por las normas corporales restrictivas. Desearía que dicha coalición se fundara en la complejidad irreducible de la sexualidad y en sus implicaciones en distintas dinámicas del poder discursivo e institucional, y que nadie se apresurara a restar poder a la jerarquía y a negar sus dimensiones políticas productivas. (Butler, 2007, p. 32).

Apresentando assim, apesar das críticas, a concepção da categoria de identidade como um problema para a expressão não regulatória ou não

normativa da sexualidade, uma vez que ao mesmo tempo em que pode se tornar um dispositivo de dominação e cooptação, também apresenta-se como uma condição necessária para o reconhecimento da diferença.

Si bien pienso que ganarse el reconocimiento de la propia condición como minoría sexual es una ardua tarea en el marco de los discursos dominantes del derecho, la política y el lenguaje, sigo considerándolo una necesidad para sobrevivir. La movilización de las categorías de identidad con vistas a la politización siempre está amenazada por la posibilidad de que la identidad se transforme en un instrumento del poder al que nos oponemos (Butler, 2007, p. 32).

Para quem tem caminhado já há algum tempo no campo de trabalho recortado por este artigo, esses estudos sobre alteridade, identidade e reconhecimento, particularmente os que se referem aos fenômenos vinculados aos efeitos sociais e políticos da consideração das orientações sexuais e as identidades de gênero, o parágrafo anterior de Butler é bem esclarecedor. Se bem reconhece a legitimidade da categoria de reconhecimento (identitário) e sua centralidade para algumas estratégias políticas (“de sobrevivência”, como a autora caracteriza), opõe a estas uma plena politização *queers*, a qual entendo deveríamos examinar com detalhe, prudência e profundidade, para assim poder igualar ou descartar com fundamentos e solvência uma ou outra colocação.

Entendo que detalhe, profundidade ou prudência podem ser entendidos como características do pensamento moderno, refutável por alguns setores *queers* mais adeptos à radicalidade convulsiva do pensamento, da qual terá que ver seus efeitos revolucionários em um curso longo de sua história recente. Acredito que esta opção moderna do pensamento em última instância não diz mais do que uma diferença de métodos, estratégias e formas de compreender os projetos de mudança social (mesmo revolucionária), opção que entendo que legitima e sustenta esta escrita. Assim, diante do possível, reafirmo o valor de tais esforços modernos de analisar detalhada, prudente e profundamente as teorias e movimentos *queers*, ao modo das detalhadas dissecações que as teorias e movimentos *queers* fazem como todos os outros pensamentos.

Nesse sentido, vale assinalar um elemento interessante no destacado artigo de Butler, a consideração que realiza do uso tático da categoria de identidade – em um claro sentido instrumental –, mas mantendo uma distância da mesma e seus efeitos. Mesmo correndo o risco de se transformar em um instrumento de poder, o qual iremos criticar e

opor, “ésa no es razón para no utilizar la identidad, y para no ser utilizados por ella. No hay ninguna posición política purificada de poder, y quizá sea esa impureza que ocasiona la capacidad de acción como interrupción eventual y cambio total de los regímenes reguladores” (Butler, 2007, p. 32). Posicionamento que se instala na intenção de estender “legitimidad a los cuerpos que han sido vistos como falsos, irreales e ininteligibles” (Butler, 2007, p. 29).

A autora observa ainda que:

(...) las normas de género (dimorfismo ideal, complementariedad heterosexual de los cuerpos, ideales y dominio de la masculinidad y la feminidad adecuadas e inadecuadas, muchos de los cuales están respaldados por códigos raciales de pureza y tabúes en contra del mestizaje) determinan lo que será inteligiblemente humano y lo que no, lo que se considerará «real» y lo que no, *establecen el campo ontológico en el que se puede atribuir a los cuerpos expresión legítima.* (Butler, 2007, p. 28-29, grifos da autora).

Outros autores, como Santana & Cordero (2007, p. 614) entendem que o diálogo entre as epistemologias feministas e *queers* aparece como:

(...) bastante promisorio. [En la medida que] Nociones provenientes del feminismo, tales como el género, se vienen afirmando como categorías importantes dentro de la Psicología Social [al tiempo que] Por otro lado, autores(as) construccionistas han contribuido con reflexiones sobre los mecanismos discursivos presentes en la construcción de la sexualidad, del cuerpo y de las posiciones identitarias.

Para as autoras, esta produtividade resultaria da “la contribución del feminismo y de las teorías queer para la Psicología Social (...) para la comprensión de los procesos psicosociales en la contemporaneidad...” (Santana & Cordeiro, 2007, p. 610), principalmente em três aspectos.

Em primeiro lugar, as possibilidades de crítica ao projeto da ciência moderna na medida de possibilitar:

(...) la denuncia del carácter ideológico, racista y sexista del modo dominante de hacer ciencia en Occidente (...) [donde] la reflexividad es vista como una cuestión más ética y política que epistemológica (...) [evidenciando], sin pena alguna, la imbricación del proyecto científico con el campo político. [De manera que] la reflexión feminista habla de una forma de producir conocimientos

que, en las palabras de Rago (1998, p. 31), tiene una tendencia liberadora y emancipadora. (Santana & Cordeiro, 2007, p. 610).

Em segundo lugar:

Al problematizar la categoría mujer (o mujeres), en el campo teórico y político, las feministas han enfrentado el debate contemporáneo sobre la identidad (y el sujeto) de diferentes maneras, y varias han sido también las posiciones teóricas y políticas. Diríamos que esos trabajos desautorizan cualquier llamado a nociones identitarias calcadas en una esencia interna fija o, tomando prestadas las palabras de Tadeu da Silva (2004), fuera de la historia, del lenguaje, de la cultura y de las relaciones de poder. (Santana & Cordeiro, 2007, p. 210).

E, finalmente:

En concordancia con la crítica antiesencialista y con el compromiso político, algunas investigadoras feministas definen la categoría mujer como una posición (asumida o designada) o como posicionamiento [que en la medida que se] reconoce que el concepto de mujer como “posicionalidad” es un término relacional y permite, además, que las diferentes posiciones ocupadas por las mujeres puedan ser usadas como un lugar en el cual esas mujeres se involucran con la construcción, y no con el descubrimiento de significados. (Santana & Cordeiro, 2007, p. 611).

Tendo apresentado as proposições de Butler, permito-me agora elaborar algumas reflexões próprias a respeito da eficácia revolucionária (e não meramente subversiva) da colocação pós-identitária – *queer* – por ela elaborada. Acredito que estas contribuições podem tornar-se muito significativas à Psicologia Social Crítica Latino-americana profundamente empregnada, desde sua origem, de uma crítica radical ao positivismo e comprometida com os projetos ético-políticos de mudança social emancipatórios – e inclusive socialistas –, próprios de uma concepção profundamente dialética da realidade. Antecedentes locais ao quais Santana e Cordeiro (2007) não se referem em sua definição de Psicologia Social.

### **Ainda *queer*?**

Entendo que os esforços desconstrucionistas e subversivos dos estudos *queers* têm conduzido a diferentes zonas de problematização e experimentação, sendo que este reconhecimento das várias configurações

de gênero é importante, principalmente o caos de etiquetas *queers* a produções que, à visão analítica, conduzem a portos políticos muito diferentes. Pensando em termos de trajetórias, fica muito difícil pensar se ao longo dos últimos anos os estudos e movimentos *queers* tenham conservado o caráter claramente ampliado da noção de política, principalmente desde sua emergência no seio da interseccionalidade da orientação sexual com outros movimentos sociais (tais como classe ou etnia), até a limitação obsessiva da política no jogo sexual possibilitado pelo uso de vibradores ou jogos sadomasoquistas considerados por Beatriz Preciado (2002).

Assim, entendemos como uma contribuição particularmente valorável o esforço maior de Susana López Penedo (2008, p. 4) por se aproximar analiticamente ao complexo campo de estudos e movimentos *queers*, aproximação a partir da qual tem proposto três tipos ou grupos destes heterogêneos estudos:

Los estudios que plantean una interpretación materialista de las desigualdades existentes entre diferentes sectores de la sociedad, desigualdades que van más allá de la clase social, y que afectan también a otros aspectos como la raza, la etnia y la sexualidad.

Los análisis de los discursos surgidos de la producción cultural, ajenos a las condiciones materiales de la opresión que sufren gays y lesbianas.

[Y finalmente] Los estudios que intentan legitimar las sexualidades no normativas mediante la teorización de un deseo y erotismo *queer*.

Não parece haver maior debate interno explícito entre as diferentes visões que López Penedo afirma, sendo assim, os estudos centrados em problematizar o erotismo *queer*, inclusive chegando ao extremo de uma antologia liberal, individualista e hedonista, não são motivo de análise por quem elabora estudos materialistas, estabelecendo-se entre eles uma *cômoda convivência*. É desde fora (das imediações ou periferia) da etiqueta *queer* que as distinções analíticas parecem possíveis. A razão, o maior dito da racionalidade como esforço de inteligibilidade, na medida em que está articulada pela gramática como função reguladora hegemônica da linguagem, resulta um espaço que estudos e movimentos *queer* parecem, conscientemente, desprezar. Assim, a “escritura sensual” ou transferencial utilizada pelos estudos *queer* substitui ao esforço da inteligibilidade. A esse respeito Butler (2007, p. 30) é clara:

No considero que el postestructuralismo conlleve la desaparición de la escritura autobiográfica, aunque sí llama la atención sobre la dificultad del «yo» para expresarse mediante el lenguaje, pues este «yo» que los lectores leen es, en parte, consecuencia de la gramática que rige la disponibilidad de las personas en el lenguaje. No estoy fuera del lenguaje que me estructura, pero tampoco estoy determinada por el lenguaje que hace posible este «yo». Éste es el vínculo de autoexpresión, tal como lo entiendo. Lo que significa que usted, lectora o lector, no me recibirá nunca separada la gramática que permite mi disponibilidad con usted. Si esa gramática como algo de claridad meridiana, entonces no podré despenar su interés por esa esfera del lenguaje que establece y desestablece la inteligibilidad, y eso equivaldría precisamente a tergiversar mi propio proyecto tal como lo he descrito para los lectores aquí. No es mi intención ser difícil, sino dirigir la atención hacia una dificultad sin la cual ningún «yo» puede aparecer (Butler, 2007, p. 30).

Frente a essa não abdicação ao projeto teórico, inclusive ao preço da inteligibilidade intersubjetiva, surgem-me dois elementos de juízo. Encontro nesta operação uma chave importante para compreender a dispersão heterogênea dos estudos e movimentos *queer*, uma vez que me interrogo sobre as capacidades de acumulação coletiva dos elementos críticos elaborados por tal caminho subversivo. É, para mim, claro que não só a elaboração de uma teoria revolucionária congrega um movimento revolucionário, ainda que me questiono a capacidade que, nesta plêiade de elementos sedutores e transferenciais, é possível realizar uma análise crítica interna, ou, mais ainda, uma condução coletiva de estratégias efetivamente transformadoras e não meramente confrontativas.

Uma posição radical na escrita e no projeto ético-político dentro dos estudos *queer*, idêntica como o terceiro grupo de contribuições reafirmadas por López Penedo, pode ser encontrado na obra de Beatriz Preciado. Em seu *Manifiesto contra-sexual* (2002), Preciado apresenta a estratégia política da contra-sexualidade que está centrada em “reforzar el poder de las desviaciones y derivas respecto del sistema hetero centrado” (Preciado, 2002, p. 23), que ao identificar o feito que “el género es ante todo prostético, es decir, no se da sino en la materialidad de los cuerpos. Escapa[ndo] a las falsas dicotomías metafísicas entre el cuerpo y el alma, la forma y la materia” (Preciado, 2002, p. 25). Reescrevendo uma nova antologia revolucionária – termo este que a autora não aceitaria jamais para nominar sua produção – aparentemente à margem dos elementos de captura das identidades (de gênero), onde “los trabajadores del año son



los nuevos proletarios de una revolución contrasexual” (Preciado, 2002, p. 27).

Paradoxalmente, ao contrário dos movimentos e ideologias revolucionárias “ontologicocêntricas” que promoviam a emancipação de sujeitos, hegemonzados ou desigualmente tratados, o princípio e fim da revolução contrassexual parece começar e acabar no mesmo sexo. Isto é, mais além de suas acertadas críticas ao sexo e ao gênero realizadas pelo movimento *queer*, a liquidação das identidades não parece promover uma emancipação integral, mas apenas, a uma emancipação sexual. Isto fica claramente demonstrado na centralidade que o gozo e prazer erótico tem no projeto contrassexual, particularmente exposto em *Esbozos de sociedad contra-sexual* (Preciado, 2002, p. 41-43).

Ainda que a crítica à ontologia seja furiosa nestas abordagens, sob o projeto de abolição da natureza das relações sociais, parece ser impossível não se encontrar concretamente – com uma frequência não menor à de uma vez por página – um esboço de um sujeito *queer* “silenciado”, oculto, dissimulado sob adjetivações que pretendem dissuadir sua presença: móvel, estratégico, imanente, e dali a uma necessária ontologia expressamente apagada que – sob crítica ao humanismo – não para de aparecer o rastro de um sujeito reduzido ao prazer negado e indiretamente atribuído constantemente ao (discurso crítico sobre) gênero e/ou ao sexo.

Provocativamente, ao modo *queer*, podemos dizer que na sociedade contrassexual pós-revolucionária não parece deixar resto algum do sujeito da sociedade sem classes marxista, que orienta sua luta para a instituição de um projeto político-subjetivo de sujeito social com tempo disponível e recursos para trabalhar, descansar, pescar e fazer filosofia ou literatura abolida a divisão do trabalho. Ao modo *queer*, poderíamos perguntar se pesca, literatura, reflexão filosófica e/ou produção entram no projeto ético-político-subjetivo da sociedade contrassexual ou se simplesmente há espaço para clitóris puro expandido.

## **Sobre o “Agrado”**

O *Manifiesto Contra-sexual* de Preciado faz uma referência a *La Agrado*, charmoso personagem de Pedro Almodóvar, interpretado por Antonia San Juan, no filme *Todo sobre mi madre*, que em busca de resolver problemas de outros personagens, sobe ao palco de um conflituoso teatro

e comove o público ao contar, em forma de monólogo, a história de sua vida. A cena transcorre em pouco mais de dois minutos, onde *La Agradó* conta sua vida e conta a si mesma. Assim, grande parte dos dois minutos de monólogo reflete o inventário de cirurgias estéticas e preços que possibilitam sua transformação em quem nesse momento é: uma pessoa que ele mesma se descreve como “muito verdadeira”, muito agradável. Sendo que ao final do monólogo *La Agradó* finaliza seu discurso com o que entendo como um exercício ontológico (materialista), ao dizer que “una es más auténtica cuanto más se parece a lo que ha soñado de si misma” (Almodóvar, 1999). *La Agradó* para Preciado (2002, p. 169) representa

(...) la espera de la trans-producción prostética de nuestros cuerpos: de un nuevo modem, de un marcapasos, de un transplante de médula, de nuevos cócteles anti-virales, de un éxtasis mejor, de una hormona que haga crecer el clítoris y no el vello, de la píldora para hombres, de una Viagra para amas de casa.

Enquanto Preciado retoma o monólogo de *La Agradó* para priorizar a ideia de construcionismo objetivo além da Natureza (Biologia), Andres Scagliola, Diretor de Políticas Sociais<sup>43</sup> do Uruguai, parece convocá-la pela mesma ação de poder contar a sua história publicamente, de ser um agente de enunciação e pela sentença do trabalho que supõe transformar-se em quem você é. Certamente a leitura de Scagliola não realiza nenhuma desontologização, de fato, sua identificação com o ato discursivo de *La Agradó* significa termos como coerência ou autenticidade que arrepiariam os cabelos de qualquer teórico *queer*. Numa entrevista dada à imprensa, Scagliola diz: “Una parte de lo que sueño ser incluía el momento de terminar de dar coherencia a esos distintos espacios donde yo me muevo. Por eso, si tengo que decir cómo me siento ahora, digo un poco más auténtico.” (Neves, 2011).

Como ler essa ambiguidade? Possivelmente muito desta ambiguidade pode ter relação com o contexto de aplicação dos contextos e dos setores de amplitude semântica sobre os que se focalizem. Por mais estranho que possa parecer as teorias – geopoliticamente hegemônicas – *queer*, existe na tradição das ciências sociais e humanas latino-americanas outra perspectiva acadêmica de longa data para a qual não haveria contradição

---

<sup>43</sup> Nos últimos dias Andres Scagliola, Diretor de Políticas Sociais do Ministério de Desenvolvimento Social do Uruguai, em ato de comunicar publicamente sua orientação sexual homossexual, convoca também *La Agradó* para explicar as razões de sair do armário publicamente nos meios de comunicação.

entre identidade e construção. Refiro-me aqui aos enfoques desenvolvidos pelas várias disciplinas no campo social e humano como, por exemplo, a Psicologia Social, que têm incorporado, desde 1930, os enfoques provenientes do interacionismo simbólico para os quais o sujeito é sempre sujeito construído e sujeito no contexto da interação social/histórico e, principalmetne a partir de 1970, o enfoque materialista dialético. Essas leituras permitem pensar um marco diferente, onde identidade, sujeito e linguagem não só são campos de clausura, mas campos de disputas emancipatórias, tal como nos lembra María Luisa Femenías (2007, p. 22) quando prafraseando Adriane Rich nos lembra que também “el lenguaje significa libertad”.

### **Pós-queer?: Prudência**

*Prudência* certamente poderia ser perfeitamente o nome de outro personagem almodovariano. Alguma monja cocainómana, ex-bailarina de top-less em cabarés miseráveis ou alguma dona de casa à beira de um colapso nervoso, envolvida em alguma relação casual e, ao mesmo tempo, apaixonada por algum xiita ligado a “atentados terroristas”. Mas não é assim. Prudência é simplesmente o que se afirma com a palavra, principalmente para mim, quando se considera as contribuições, as tensões e os excessos dos campos de estudos indagados nesse texto, buscando, nas palavras de Carmen González Marín (2008, p. 127), localizar o centro da problemática na “la necesidad de seguir mirando en las direcciones que señalan las injusticias y las desigualdades”.

Por mais de vinte anos do aparecimento de *Queer theories: Lesbian and Gay sexualities* de Teresa De Lauretis (1991) e de *El género en disputa* de Judith Butler (2007), alguns efeitos são postos à prova e a análise crítica da teoria *queer* começaram a surgir. Ao rigoroso trabalho de análise, já assinalado, de Susana Lopez Penedo (2008) é possível anexar outras contribuições críticas a respeito do conjunto das Teorias Queer. Seguindo a lógica da teoria *queer*, a escrita teórica como manifesto, tem circulado na Internet um manifesto curto chamado *Contra a teoria Queer (desde o ponto de vista indígena)*, assinado por Nxu Zänä, que na língua indígena Hñähñü do México significa “Mulher da Lua”, que dirige a teoria *queer* “en un esfuerzo de generar un discurso y teoría alternativo más bien se convierte en un arma del sistema” (Nxu Zänä, 2010, p. 1).

Além desse trabalho encontrei contribuições críticas, prudentes, analíticas nos estudos que realiza María Luisa Femenías (2007), contribuições que sondam as possibilidades e as contribuições deste amplo conjunto teórico e observa com lucidez alguns limites – particularmente ao gerar o que ela chama de “tráfico teórico” –, quando se considera a aplicação destes equipamentos teóricos aos processos sociais latino-americanos.

Existem no breve, mas contundente texto de Nxu Zänä (2010), vários elementos de análise que tendem a relativizar fortemente a potencialidade e eficiência concreta da teoria *queer* a respeito da mudança social revolucionária. No manifesto se destacam três eixos de críticas que articulam o artigo e que somente esboçarei neste trabalho, de modo que seja o leitor quem enfrente, por si mesmo, o texto original. Estes eixos são: (1) o problema da denominação e da autodenominação *queer*; (2) o problema da definição do conceito de identidade, e, finalmente; (3) o problema da relação entre as teorias, as lutas emancipatórias e as mudanças sociais. Em relação aos exercícios nominativos, a autora assinala de forma muito clara o fato de que alguns setores decidiram utilizar a expressão *queer*

(...) como una forma de orgullo contra las actitudes homofóbicas de las sociedades anglosajonas, así pues podríamos decir que esto dio el inicio de un movimiento bajo dicha denominación. Por lo que se intenta dar un sentido de rebeldía a la forma de autodenominarse, pues se enfrenta a la sociedad bajo sus mismos términos pero con un aire de orgullo y defensa de su condición despreciada ante los ojos de los normales. (Nxu Zänä, 2010, p. 2).

Desse ponto a autora se pergunta:

(...) si ell@s [lxs autodenominados queers] marcaron el derecho de autodenominarse *queer* como una forma de respuesta a la homofobia del sistema ¿por qué a mí y a los pueblos indígenas ha de negársenos la posibilidad de autodenominarnos indígenas? Si finalmente el término indígena fue acuñado dentro de un sistema de opresión para diferenciar al hombre blanco europeo civilizado de nosotras y nosotros (situación similar a la apropiación del término *queer*), por lo tanto tengo y asumo el derecho de retomar la categoría para autodenominarme frente al sistema que intenta dominarme y que es racista, finalmente su acción es equivalente a la nuestra puesto que la palabra *queer* también deviene de un sistema homofóbico y se inserta su acción en dicho sistema. (Nxu Zänä, 2010, p. 2).

Isto é, por que todos os atos nominativos são clausurantes e alienantes, se a própria atitude *queer* se realiza em um ato de nomeação como rebeldia? Também é expressada pela autora pergunta semelhante sobre o questionamento *queer* à categoria de identidade:

[el discurso *queer*] comienza a cuestionar las identidades y categorías que varios movimientos usamos para la defensa de nuestros derechos, de nuestra forma de vida, de nuestras culturas tales como el género, la clase y la raza argumentando que no debemos usarlas porque finalmente son términos acuñados desde la experiencia histórica y opresiva de un sistema como el patriarcado, el colonialismo, el capitalismo y el racismo. (Nxu Zänä, 2010, p. 2).

E desse questionamento continua: “proponer una hibridación con la desaparición de las identidades so pretexto de ir en contra de las tendencias homogenizadoras ¿acaso no implica en el fondo lo mismo?” (Nxu Zänä, 2010, p. 2), e assinala:

La identidad es un proceso dinámico, histórico, cambiante no es lo mismo ser indígena en el siglo XVI en plena invasión europea que serlo en el siglo XXI en plena globalización dentro de un sistema capitalista; nuestras culturas y nuestros pueblos han tenido que aprender a sobrevivir dentro de estos sistemas y generar formas de resistencia contra las tendencias homogenizadoras que pretenden desaparecer las formas sociohistóricas y culturales que subsisten pese a los embates del capitalismo.

Asimismo la identidad a diferencia de lo que los *queer* piensan no sólo implica un ámbito de la vida, pues el ser indígena no representa sólo un aspecto de mi vida, representa mi vida, nuestra vida: la forma de vivir y concebir a la vida, la historia de mi pueblo, nuestra cultura, nuestra relación con el entorno en que vivimos y nos desarrollamos, con la madre tierra, la forma de relacionarnos entre nosotras y nosotros mismos.

Creo que esta gran confusión sobre la identidad surge porque su lucha la enfocan a un solo ámbito: la sexualidad en lo individual; y porque su lucha se ejerce contra los movimientos feministas, homosexuales y lésbicos creyendo que estos sólo se enfocan en el género y la sexualidad; sin ver más allá y entender que en sus inicios estos movimientos tenían un trasfondo político, económico, social y no sólo como hoy se ve: sexo y sexualidad, preferencias, orientaciones, derecho al placer, siendo que esto sólo es una deformación de los movimientos dada por el sistema y los discursos médicos y comercializadores del cuerpo, del sexo y la sexualidad. (Nxu Zänä, 2010, p. 2-3).

Concluyendo de forma contundente, Nxu Zänä (2010, p. 4) enfatiza que se “la teoría queer y sus seguidores pretenden que me deshaga de mi identidad como indígena y como mujer puedo con toda razón decirles: ustedes son un arma del sistema, una corriente ideológica que promueve la globalización, la herramienta de la homogenización”.

Finalmente, e como derivado destas colocações sobre a compreensão limitada da identidade que se afirma no pensamento *queer*, surge a problematização sobre o conceito de luta e mudança social que as teorias *queer* parecem privilegiar. Dessa forma, a autora começa com outra pergunta provocativa: “¿el hecho de eliminar las categorías de hombre y mujer elimina la injusticia en la realidad social?” (Nxu Zänä, 2010, p. 3). Assim, a resposta da autora novamente é brilhante:

Dudo mucho que eliminar dichas categorías cambien el sistema, porque más bien tendríamos que modificar todo el sistema (cosa de la que no hablan los queer e implicaría una organización colectiva importante) para eliminar la injusticia y violencia que por sexo se ejerce hacia la mujer, eliminar los términos no cambia la realidad de los hechos, ¿acaso por dejar de sentirme mujer no seré violentada, golpeada, secuestrada, violada o explotada sexualmente? y me dirán que eso es sólo un comienzo para reconceptualizarnos, para comenzar a cambiar pero entonces ¿de qué manera haremos el cambio si de principio no reconocemos nuestras diferencias sustanciales que generan injusticia y violencia?

Les pregunto ¿Cómo pretenden cambiar la realidad si pretenden vivir al margen de ella aun dentro de ella? Decirse queer para no reconocerse hombre o mujer, homosexual o lesbiana, indígena o blanca, obrera o política, etcétera no cambia las relaciones sociales en las que se desenvuelven, sólo modifica su propia subjetividad y creo que en lo individual empieza el cambio, más no es el cambio ni conlleva acciones políticas y/o sociales efectivas para un cambio real, sólo se convierte en la creación de un mundo aparte acomodado, finalmente, dentro del mismo sistema que se pretende criticar (Nxu Zänä, 2010, p. 3-4).

E continua...

Si consideran que lo personal es político y que por tanto traer la sexualidad al espacio público para reivindicar a las sexualidades marginadas y conseguir la emancipación y subvertir la cultura mejulie parece que ello es erróneo porque de fondo consideran que practicar el sexo (entendido como prácticas sexuales) es practicar política y que en consecuencia cada vez que ejercen prácticas no normativas están haciendo una subversión del sistema como forma de resistencia que llevaría al cambio social (Nxu Zänä, 2010, p. 4).

Todas as colocações são extremamente pertinentes, todavia, o questionamento a respeito da articulação entre teoria e *práxis* que a autora vislumbra parece poder ser resumido na seguinte frase: “¿Cómo hacer un cambio colectivo cuando su ideología y prácticas sólo competen al ámbito privado estrictamente: al deseo, al placer individual?” (Nxu Zänä, 2010, p. 4). Entendo que o texto, com estrutura de manifesto, é provocativo e mobilizante, mas também entendo que deve ser analisado de forma rigorosa e com atenção. Seguindo outro tom no debate, diferente da crítica inflamada de Nxu Zärä, encontrei elementos confluentes com relação à análise das limitações e obstáculos da teoria *queer* no artigo *Esboço de um feminismo latino-americano*, de María Luisa Femenías (2007).

Nele a autora analisa as condições de possibilidade, de necessidade e de originalidade de um possível “feminismo latino-americano” sob o entendimento de que a situação da América Latina oferece contornos sociais e históricos particulares e complexos, que podem ser identificados (1) na mistura inicial sustentada nas triplas raízes (Indígena, Europeu e Africano) formando a unidade latino-americana e (2) nos desenvolvimentos políticos e teóricos que não são estritamente paralelos entre a América Latina e a Europa ou Estados Unidos. Estas características fazem com que a autora concentre parte de sua análise no fenômeno que Cláudia de Lima Costa (2002) chamou de Tráfico de teorias.

“Tráfico de teorias” *supõe a análise dos complexos processos pelos quais se movem, importam e traduzem teorias – no caso, feministas – desde contextos de produção geopoliticamente localizados até outros contextos também geopoliticamente localizados. Analisar historicamente tal tráfico tem sido uma prática habitual na dinâmica de circulação do pensamento entre centro e periferia, envolvendo uma ruptura radical com o conteúdo original geopoliticamente hegemônico, a partir dos exercícios de alteração e de acomodação que habita a “conformación de un espacio único (no homogéneo), y a la vez propio, desde donde analizar críticamente nociones y posiciones”* (Femenías, 2007, p. 13), os quais requerem um jogo de habilidades geopolíticas e transnacionais de leitura, escrita e enriquecimento teórico que suporte o mero deslocamento de um sistema teórico.

No artigo, Femenías (2007) não analisa direta e explicitamente o processo de tráfico das teorias *queers*, embora assinale que as preocupações desconstrutivistas recentes tenham aberto linhas compreensivas de singular riqueza.

Brindan[do] además bases sólidas para la implementación de prácticas y políticas suficientemente convocantes y coordinadas, que tienden a aunar reconocimiento y justicia distributiva, necesarias ambas para el logro de un equilibrio inestable, que contribuya a tejer las tramas de un universal real (Femenías, 2007, p. 12-13).

Todavía, essas preocupações de alguma forma têm permitido a consideração de particularidades que mantêm situações de injustiça, em uma escala de realidade onde as declarações universais não alcançam capacidade de revelação. Para a autora:

(...) al marco formal igualitario y universalista, al que responden en mayor o en menor medida todas nuestras constituciones – que ha resultado históricamente insuficiente –, debemos sumarle un conglomerado de cuestiones materiales. Sobre todo, en la medida en que el proclamado universal pocas veces se aplicó distributivamente por igual a todos los miembros de la sociedad, discriminando por sexo-género, por etnia y por clase (Femenías, 2007, p. 12).

A desconstrução ou relativização ontológica parece abrir possibilidades para pensar novas intersecções. Entretanto, ao modo de Butler no prefácio do livro *El género en disputa*, Femenías registra o limite operativo da desconstrução radical e, sem dúvida não por ele, ingressa em uma crítica profunda de tal perspectiva. Assim, Femenías entende que:

(...) es necesario mantener la ficción política “mujeres de América Latina” en tanto aglutina y potencia nuestros modos posibles de acción política y de generarnos identidad visible en tanto polo de identificaciones múltiples. Se trata de la creación – de la autodesignación – de “mujeres de América Latina” como una comunidad imaginaria o ficcional autodesignada más allá de las diferencias, más allá de las devaluaciones. Se trata de un invento estratégico ficcional que permite generar, encauzar y defender esfuerzos y energías. (Femenías, 2007, p. 16).

Confesso que não compreendo plenamente esse exercício. Por que insistir na desconstrução como articulador emancipatório, e, simultaneamente, concordar com a necessidade ou vantagem de reconstruir o desconstruído? Simplesmente para confirmar a natureza construtiva do objeto? E em tal caso, o caráter de histórico e dialético que diferentes teorias deram a especificação das relações sociais não teriam



sido suficientes para dar conta do construcionismo, da imanência ou da complexidade da realidade? Quando se faz a crítica à ontologização: qual é o critério de ontologia que se utiliza? Uma espécie de artifício fixo e idealista saído da galera de Platão e Parmênides juntos, que não habita o panorama filosófico crítico há muitos anos, limitando seu espaço de circulação para o campo das religiões?

Em relação à tensão entre essencialismo e construcionismo é muito lúcida e nada nova a contribuição de Simone de Beauvoir (2009, p. 16), na introdução de *El segundo sexo*, ao assinalar frente “la doctrina un poco corta” do nominalismo, a observação de que “rechazar las nociones de eterno femenino, de alma negra, de carácter judío no es negar que hayan hoy judíos, negros, mujeres; esa negación no representa para los interesados una liberación, sino una salida inauténtica”. A autora segue fundamentando sua crítica com mais elementos e afirma:

Si siguiendo a Hegel se descubre en la conciencia misma una hostilidad fundamental con respecto a toda otra conciencia; el sujeto no se plantea mas que oponiéndose: pretende afirmarse como lo esencial y constituir al otro como lo inescencial, en objeto. Pero la otra conciencia le opone una pretención recíproca; cuando viaja, el nativo se percata, escandalizado, de que en los países vecinos, ha nativos que lo miran, a la vez, como extranjero; entre aldeas, clanes, naciones, clases, hay guerras, poltachs, negociaciones, tratados, luchas, que despojan la idea de lo Otro de su sentido absoluto y descubren su relatividad; de buen o mal grado, individuos y grupos se ven obligados a reconocer la reciprocidad de sus relaciones. (Beauvoir, 2009, p. 20).

Para finalizar com um claro apelo a respeito da necessidade e o justo peso do sujeito:

En verdad, la Naturaleza, lo mismo que la realidad histórica, no es un dato inmutable. Si la mujer se descubre lo inescencial que jamás retorna a lo esencial, es porque ella misma no realiza ese retorno. Los proletarios dicen “nosotros”; los negros también. Presentándose como sujetos, transforman en ‘otros’ a los burgueses, a los blancos. (2009, p. 21)

A conclusão de Beauvoir indica claramente o efeito político de tal “desubjetivação” que condena o coletivo de mulheres a viver “dispersas” entre os homens, a partir daí que não entendo claramente o branco político de teorias *queer* em seu amplo espectro.

## Balanço

Compartilho a leitura que Perry Anderson realiza sobre as condições materiais de emergência do giro cultural que o pós-modernismo incorpora, aterrissando na análise das tendências teóricas sobre orientação sexual e identidade de gênero a sua sinalização através da qual a análise dialética do fenômeno (pós-moderno) não pode limitar-se à sua simples rejeição ideológica (Anderson, 2000, p. 91) e requer então a análise das condições históricas da mesma. Entendo que o mesmo é possível fazer a respeito do movimento *queer*, concordando com a tese de Susana Lopez Penedo (2008), que me parece ser uma expressão filosófica das mais desenvolvidas, sob o signo da conjuntura pós-moderna enquadrada na ofensiva neoliberal do modo de produção capitalista (Netto, 1995); conjuntura que, como sugerido por Jameson, está se esforçando para “pensar el presente históricamente en una edad que ha olvidado, ante todo, cómo se piensa históricamente” (Jameson, 1996, p. ix).

Também entendo que, fundamentalmente na América Latina, existem esforços significativos na elaboração de uma Teoria Crítica no campo dos estudos LGBT que contribuem para uma melhor compreensão compartilhando “como eje comprensivo el triangulo: reconocimiento-universal-particular” (Femenías, 2007, p. 18), como uma ferramenta analítica para a produção de um pensamento que pode constatar e, eventualmente, denunciar “las diferencias de espesor del universal igualitariasta” (Femenías, 2007, p. 19).

A articulação das contribuições provenientes dos estudos subalternos com os estudos de gênero parece ser um encontro promissor para pensar as violências e exclusões que grande parte da população latino-americana e mundial vive por fatores relacionados à etnia, à cultura, ao gênero e/ou orientação sexual. A possibilidade de articulação da Teoria Crítica, nesse sentido, parece ser uma necessidade urgente para que se possa convergir para um projeto fortemente emancipatório e humanizante; e em tal caminho, as contribuições da Psicologia Social, como espaço subdisciplinar de reflexão crítica sobre os processos históricos sociais de produção de subjetividade parecem possíveis e desejáveis.

É possível que em tal caminho seja necessário reconstruir o projeto ético-político da Psicologia Social Crítica Ibero-americana, fundamentalmente a partir da análise profunda das implicações geopolíticas do tráfego e circulação teórica, renegociando a operatividade

e alcance das categorias hoje caídas em descrédito ou desconfiança, tais como identidade<sup>44</sup> ou consciência, de tal valor para projetos emancipatórios históricos como, por exemplo, os realizados pelo proletariado internacional ao constituir-se em própria classe.

Entendo que historicizar nunca é um final, mas sim um começo que ao contrário do uso que as histórias têm domesticamente ao induzir o sono “contando contos”, ao elaborar esta comunicação, “contado este conto” – parcial, limitado, discutível – convida-nos a desapegar-nos do sonho, contemplando não só o desprezível trajeto que os problemas e movimentos vinculados à orientação sexual e identidade de gênero percorreram no campo das ciências sociais/humanas e no campo das conquistas políticas, mas também vislumbrando as lutas por reconhecimento e emancipação que existiram e poderão existir.

Para encerrar, gostaria de apresentar uma simples citação de Jürgen Habermas (1990, p.19), referindo-se à tensão entre a onda de restauração metafísica e a necessidade de retomada dos motivos modernos da filosofia:

En una situación que se ha vuelto inabarcable, se perfilan nuevas convergencias. Sólo que todo ello no debería hacernos olvidar que la disputa sigue siendo en torno a temas que no envejecen: la disputa en torno a la unidad de la razón en la pluralidad de sus voces; la disputa acerca de la posición del pensamiento filosófico en el concierto de las ciencias; la disputa acerca de esoterismo y exoterismo, de ciencia especializada e ilustración; la disputa, en fin, en torno a los límites entre filosofía y literatura.

## Referências

- ALMODÓVAR, P. *Todo sobre mi madre*. Drama, Warner Sogefilms S.A. (1999).  
ANDERSON, P. *Los orígenes de la posmodernidad*. Barcelona: Anagrama. (2000).  
BAUMAN, Z. *Modernidad líquida*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. (2003).  
BEAUVOIR, S. *El segundo sexo*. Buenos Aires: Debolsillo. (2009).

---

<sup>44</sup> A articulação/implicação da categoria identidade com os estudos de gênero e análise da violência contra as mulheres pode ser encontrado neste livro: Lima, A. F. & Ribeiro, M. G. S. *As demandas feministas e a Lei Maria da Penha: notas sobre a resposta instrumental para reivindicações sociais, o uso da violência ética e os limites da narrativa*. Para um maior aprofundamento da concepção dinâmica para a compreensão da identidade, que possibilita escapar de seu caráter estático e essencialista, sugerimos a leitura da segunda parte do livro de Lima, A. F. (2010). *Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso*.

- BUTLER, J. *Cuerpos que importan. Sobre los límites materiales y discursivos del «sexo»*. Barcelona: Paidós. (2002).
- BUTLER, J. *El género en disputa. El feminismo y la subversión de la identidad*. Barcelona: Paidós. (2007).
- DE LAURETIS, T. Queer Theory: Lesbian and Gay sexualities. *Difference: a journal of feminist critical studies*, 3(2), 3-18. (1991).
- FEMENÍAS, M. L. Esbozo de un feminismo latinoamericano. *Revista Estudios Feministas*, 15(1), 11-25. (2007).
- FOUCAULT, M. *La Voluntad de Saber (Historia de la Sexualidad)*. Buenos Aires: Siglo XXI Ediciones. (2002).
- FOUCAULT, M. *La Arqueología Del Saber*. Madrid: Siglo XXI. (2009).
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP. (1991).
- GONZÁLEZ MARÍN, C. ¿Qué/(Cuándo) es feminismo? *Isegoría*, 0(38), 119–127. (2008).
- HABERMAS, J. *Pensamiento postmetafísico*. México: Taurus Humanidades. (1990).
- HARAWAY, D. *Manifiesto Ciborg. El sueño irónico de un lenguaje común para las mujeres en el circuito integrado*. California. (1991).
- IBAÑEZ, T. *Psicología social construccionista*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara. (1994).
- IBAÑEZ, T. *Municiones para disidentes*. Barcelona: G. (2001).
- IÑIGUEZ, L. Nuevos debates, nuevas ideas y nuevas prácticas en la Psicología Social de la era «post-construccionista»-. *Athenea Digital*, (8). (2005).
- IÑIGUEZ, L. *Análisis del discurso*. Catalunya: Editorial UOC. (2006).
- JAMESON, F. *Teoría de la posmodernidad*. mad: Trotta. (1996).
- LIMA, A. F. *Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso. A identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica*. São Paulo: FAPESP, EDUC, 2010. (2010).
- LIMA COSTA, C. de. Repensando el género: tráfico de teorías en las Américas. En FEMENÍAS, M. L. (Ed.), *Perfiles del feminismo iberoamericano*. Buenos Aires: Catálogos. p. 189-214. (2002).
- LÓPEZ PENEDO, S. *El laberinto queer. La identidad en tiempos de neoliberalismo*. Madrid: Egales. (2008).
- LYOTARD, J. F. *La condición posmoderna: informe sobre el saber*. Madrid: Cátedra. (1987).
- MECCIA, E. *La Cuestión Gay*. Buenos Aires: Gran Aldea Editores. (2006).
- NETTO, J. P. *Crise do socialismo e ofensiva neoliberal. Cuestoes da nossa época*. São Paulo: Cortez Editora. 2ª. Ed., Vol. 20. (1995).
- NEVES, S. El que calla otorga. *Brecha*. nov. 11. Montevideo. Consultado em <http://www.2121.org.uy/noticias/1-noticias-de-prensa/2483-el-que-calla>

- otorga-con-andres-scagliola-director-de-politicas-sociales-del-mides-brecha. (2011).
- NXU ZÄNÄ. Contra la teoría Queer (desde una perspectiva indígena). *Ciudad de mujeres*. Consultado em <http://www.ciudaddemujeres.com/articulos/Contra-la-teoria-Queer>. (2010, octubre 27).
- PRECIADO, B. *Manifiesto contra-sexual. Prácticas subversivas de identidad sexual*. Madrid: Opera Prima Editorial. (2002).
- RICHARDSON, D. & SEIDMAN, S. *Handbook of lesbian and gay studies*. SAGE. (2002).
- SANTANA, L., & CORDEIRO, R. Psicología Social, construccionismo y abordajes feministas: diálogos desconcertantes. *Fermentum*, 17(50), p. 599–615. (2007).
- SEDGWICK, E. K. *Between men: English literature and male homosocial desire*. New York: Columbia University Press. (1985).
- SILVA, A. S. *Luta, resistência e cidadania: uma análise psicopolítica dos Movimentos e Paradas do Orgulho LGBT*. Curitiba: Juruá. (2008).
- SIMON, W. Sexual orientation. En E. Borgatta & R. Montgomery (Eds.), *Encyclopedia of Sociology*. New York: Macmillan Reference USA. 2nd. Edition. p. 2.564-2.575. (2000).